

GERAL

Editor: RICARDO SUELIANI ☎ 218-4729
Coordenadora de Produção: ANGELA CAPOVALI ☎ 218-4728

TENENTE PORTELA

Índios albinos representam um caso raro

Três irmãos caingangues têm pele clara

PATRICIA SPECHT
Correspondente/Tenente Portela

Se os irmãos Josias, Ezequiel e Elias morassem numa cidade de descendentes de alemães, a pele branca e os cabelos louros não chamariam tanta atenção. Como são filhos de índios caingangues e vivem na reserva indígena da Guarita, a maior do Estado, as características físicas são contrastantes. A mãe, a índia Teresa Salles, de 55 anos, tem a pele escura e longos cabelos negros, e os outros três irmãos também possuem traços indígenas. Os três meninos índios - de nove, cinco e três anos - são albinos, uma deficiência genética que ocorre na proporção de uma em cada 15 mil pessoas e provoca ausência de pigmentação na pele, cabelos e olhos. Se for observada esta estatística, o nascimento de um único índio albino na Reserva da Guarita, onde vivem cerca de 6,9 mil indígenas, já representaria um fato incomum. Três deles é um fenômeno raro.



A Reserva Indígena da Guarita tem uma área de 23 mil hectares e fica localizada nos municípios de Tenente Portela, Miraguai e Redentora, distantes cerca de 490 quilômetros de Porto Alegre. Morando em um casebre armado no meio do mato, os meninos dependem da mãe para sobreviver, pois têm a visão bastante afetada e não podem se expor ao sol. As palavras em caingangue - único idioma falado pelas crianças - são dirigidas quase que exclusivamente à mãe. A exceção fica por conta do garoto Josias, de nove anos, que percorre sozinho, todos os dias, os mil metros que separam sua casa da escola. "Fico preocupada porque ele não vê direito", diz Teresa.

Desde pequenos, os três irmãos têm problemas de pele devido à exposição indevida ao sol. Josias, o mais velho, tem feridas espalhadas por praticamente todo o corpo. A fragilidade dos meninos já foi assimilada pela índia Teresa, que faz o possível para manter as crianças protegidas do sol. "A roupa precisa ser trocada várias vezes por dia, porque qualquer sujeira logo se transforma em ferida", explica. "Preciso ficar o dia inteiro ao redor dos meninos e já deixei de ajudar o meu marido (Euzébio) na roça". Ao comentar as dificuldades enfrentadas no trato dos três índios albinos, Teresa deixa transparecer uma mágoa. "Aqui ninguém se preocupa com o índio".

Mauro Wagner, chefe do posto da Funai, acha que os problemas dos filhos deixaram a índia Teresa bastante nervosa. "Ela exagera quando diz que está abandonada". Tanto Mauro quanto o prefeito de Tenente Portela, Nilton Luiz Pereira (PPB), garantem que dão atenção especial à família Salles. "Sempre que necessitam, os índios têm acesso a medicamentos na Secretaria da Saúde do município", alega o prefeito, que diz estar entregando hoje os óculos especiais de proteção solicitados por um oftalmologista que examinou os três indiozinhos. O chefe do posto da Funai afirma que a compra dos óculos está sendo financiada pela fundação.



Os caingangues lotros! Teresa e os filhos de pele clara passaram a ser atração na Reserva da Guarita

Primeiro filho deixou mãe constrangida

Quando o menino Josias nasceu, em 1987, a índia Teresa Salles enfrentou, além da surpresa, muito constrangimento. A diferença na cor da pele causava embaraço à mãe que não sabia como explicar o fenômeno. Desconfiados, os demais índios da região transformaram a moradia do casal Salles em atração turística a fim de conhecer o mais novo integrante da tribo.

Como o parto de Josias foi feito em casa, a índia Teresa ficou sabendo que o filho era albino só um mês depois, quando o menino precisou ser levado ao hospital de Tenente Portela, a 15 quilômetros da aldeia. Aos poucos, com a ajuda da enfermeira do posto da Funai, os índios ficaram sabendo que o menino era portador de uma deficiência genética - e mudaram de comportamento com relação às crianças albinas.

Um ano depois de Josias nascer, Teresa teve uma menina de pele normal. "Achei que o problema ti-

nia acabado", conta. Com o nascimento de outra criança, três anos depois, nova surpresa. Ezequiel também era albino. O último filho veio dois anos depois e apresentou a mesma deficiência. Para o dermatologista Antônio Carlos Bastos Gomes, o caso dos albinos da Guarita comprova a tese do fator hereditário: um primo-irmão de Euzébio Salles, pai dos garotos, também é albino.

Na aldeia indígena de São Sebastião, em São Paulo, o albino Vanderlei Fernandes, de quatro anos, não foi aceito da mesma forma que os garotos da Guarita. Rejeitado pela mãe e pela maioria dos 258 membros da aldeia, Vanderlei precisou ser afastado da reserva. O menino, com idade mental de uma criança de um ano e meio, foi internado no ano passado com insolação grave, pneumonia e desnutrição. Atualmente, Vanderlei mora na Casa do Índio, no Rio de Janeiro.

O ALBINISMO

Deficiência congênita herdada geneticamente, caracterizada pela ausência de pigmentação na pele. Os albinos têm pele sem proteção contra os raios solares. Nesse caso, os riscos de ocorrências de câncer de pele e catarata são muito grandes. Como não existe tratamento para o albinismo, o principal cuidado deve ser a proteção aos raios solares, com o uso de óculos, bloqueadores solares e chapéus.

793

3

PESQUISA

Indígenas vivem menos que o resto da população

A média de vida nas tribos do Brasil é de apenas 45,6 anos

Uma pesquisa realizada pelo Instituto de Medicina Tropical de Manaus, no Amazonas, revela que a expectativa de vida dos índios brasileiros é bem inferior ao resto da população. Segundo o documento, os índios vivem em média até os 45,6 anos de idade. A média entre o restante da população do país é de 65 anos. Os níveis mais baixos foram registrados entre as tribos de Mato Grosso do Sul (37,7 anos) e os mais altos aparecem em Alagoas (62,7 anos).

Na tribo kaiowá de Mato Grosso do Sul, muitos não chegam aos 38 anos. Os kaiwós têm se tornado conhecidos pelo alto índice de suicídio e alcoolismo, principalmente entre os jovens. De acordo com a pesquisa, nos últimos anos houve uma queda acentuada e progressiva na expectativa de vida dos indígenas brasileiros, que em 1993 era de 48,2 anos em média.

Especialistas atribuem o problema basicamente à falta de assistência médica nas reservas indígenas e ao aumento na incidência de doenças crônicas, como infecção respiratória, diarreias, tuberculose, malária e hepatite. Conforme dados da pesquisa, de janeiro de 1993 a outubro de 1994 foram registrados 2.591 mortes de índios em todo o território nacional, das quais pouco mais de 45% em crianças com menos de cinco anos de idade.

A LONGEVIDADE

Média mais baixa foi registrada nas tribos de Mato Grosso do Sul:



Índios: aumento de doenças crônicas

□ Mato Grosso do Sul	37,7 anos
□ Roraima	37 anos
□ Pará	38 anos
□ Amazonas	42,8 anos
□ São Paulo	56,3 anos
□ Santa Catarina	58 anos
□ Rio Grande do Sul	60,3 anos
□ Alagoas	62,7 anos